

RECIFE E SUAS ÁGUAS: UMA HISTÓRIA SOCIOESPACIAL E AMBIENTAL CONTADA PELAS ICONOGRAFIAS E POESIAS

RECIFE AND ITS WATERS: A SOCIO-SPATIAL AND ENVIRONMENTAL STORY
TOLD BY ICONOGRAPHY AND POETRY

<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2024.262161>

Marina Loureiro Medeiros
marinalou93@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco
Recife-Pernambuco-Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-6071-3035>

Cynthia Suassuna
cynthia.suassuna@unicap.br

Universidade Católica de Pernambuco
Recife-Pernambuco-Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-4860-3439>

Submetido em 22.03.2024

Aceito em 03.04.2014

Resumo:

O presente trabalho objetiva mostrar a formação socioespacial da cidade através do apanhado de destaques com a literatura poética e o acervo iconográfico existentes nas bibliotecas públicas do estado, município e da Fundação Joaquim Nabuco. Para isso foi-se usado além de pesquisas bibliográficas no campo da história como metodologias, Geografia e outras ciências humanas, foi usado a rica base iconográfica existente da cidade do Recife, com seus inúmeros artistas e intelectuais, das mais diversas áreas, os quais ilustraram a relação da cidade com suas águas.

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Para investigar essas nuances, foi utilizado o método hipotético-dedutivo discutido em Marconi et al (2017). A metodologia complementa-se com a abordagem de análise epistêmica de cunho crítico, fazendo-se o uso da categoria de análise socioespacial em Santos (1978) e da Epistemologia Ambiental de Leff (2002). Dessa maneira, entende-se a razão de questionar e celebrar a relação atual com as águas, já que a cidade tem relação simbiótica com ela.

Palavras-chave: História socioespacial; Água; Meio Ambiente; Recife.

Abstract:

The present work aims to show the socio-spatial formation of the city through the collection of highlights with the poetic literature and the iconographic collection existing in the public libraries of the state, municipality and the Joaquim Nabuco Foundation. To this end, in addition to bibliographic research in the field of history such as methodology, geography and other human sciences, the rich iconographic base of the city of Recife was used, with its numerous artists and intellectuals, from the most diverse areas, who illustrated the city's relationship with its waters. To investigate these nuances still, it was used in a complementary way the work already done and the hypothetical-deductive method discussed in Marconi et al (2017). It is complemented with the epistemic analysis approach of critical nature, making use of the category of socio-spatial analysis in Santos (1978) and the Environmental Epistemology of Leff (2002). In this way, the reason to question and celebrate the current relationship with water is understood, since the city has a symbiotic relationship with it.

Keywords: Socio-spatial History; Water. Environment; Recife.

Introdução

Em 2022, a cidade do Recife completou 485 de história, estando a maior parte dela ligada intimamente a com as águas que atravessam a cidade, especialmente as correntezas naturais de água doce. Estas, por séculos, fonte de trabalho, de moradia e fonte primária de abastecimento para grande parte dos moradores. Entendendo assim, por esse e por outros contextos, que a água, símbolo vital para todos os seres vivos que habitam o planeta, é um direito humano básico, estabelecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Brasília, 2003) como meta primária de atendimento.

Dessa maneira, o presente trabalho busca entender a história socioespacial da cidade do Recife e a sua relação com as águas do seu território: rios e mar. Para isso foi-se usado além de pesquisas bibliográficas no campo da história como aparato metodológico, Geografia e outras ciências humanas, foi usado a rica base iconográfica existente sobre e localizadas na própria

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

cidade do Recife, com seus inúmeros artistas e intelectuais, das mais diversas áreas, os quais ilustraram a relação da cidade com suas águas. Para investigar essas nuances, ainda foi usado o método hipotético-dedutivo discutido em Marconi et al (2017), complementado-se com a abordagem de análise epistêmica de cunho crítico, fazendo-se o uso da categoria de análise socioespacial em Santos (1978) e da Epistemologia Ambiental de Leff (2002). Dessa maneira, entende-se a razão de questionar e celebrar a relação atual com as águas, já que a cidade tem relação simbiótica com ela.

METODOLOGIA

Este trabalho está pautado na metodologia de uma pesquisa de abordagem exploratória. Esta é aqui entendida como um tipo de metodologia que visa apreender o estudo numa perspectiva que analisa objeto de maneira mais humana e completa possível (Queiróz, 1992). Em complemento a isso, está sendo realizada uma revisão bibliográfica, cujo enfoque é recolher teorias e dissertar sobre o acesso e o direito à água, o problema de drenagem, o Recife e sua paisagem fluvial, a distribuição de água no Brasil, os conflitos socioambientais e a Teoria do Risco. Cruzando-se esses temas, o levantamento bibliográfico resultou em mais de 30 obras, escritas e publicadas no período de 1950 a 2021.

O outro complemento metodológico foi a elaboração de uma pesquisa de base iconográfica e documental, a fim de realizar levantamentos acerca do tema. A respeito da análise documental e iconográfica, o autor Valle Gastaminza (2001, p. XX) afirma:

Ao se analisar um documento iconográfico, devemos estar cientes de que nunca um texto vai expressar com suficiência o que a imagem transmite e, por isso, deve-se constatar que representações textuais de imagens não podem substituir as próprias imagens. No entanto, tais representações podem incluir uma grande quantidade de informação que descreva os atributos característicos do documento imagético que, estruturada e normalizada em um processo documental, será de grande ajuda a quem queira encontrar tais imagens, recuperá-las ou saber algo sobre elas.

O acervo documental utilizado advém dos dados primários da Companhia de Recursos Hídricos de Pernambuco (CPRH), do acervo iconográfico da FUNDAJ e de obras contidas

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

nos museus do mundo. Todas essas, importante sempre frisar, ajudam a elucidar as origens da relação da cidade com a problemática da água e suas interfaces, ilustrando a questão de maneira mais profunda.

Um outro elemento de metodologia complementar utilizado nos capítulos 1 e 2 foi a pesquisa literária que, junto à pesquisa iconográfica, bibliográfica e documental, ilustrou e reforçou o entendimento sobre o objeto de estudo. Sobre a sua importância enquanto complemento e metodologia de estudo, Durão (2015, p. XX) escreve:

Em vista disso, torna-se óbvio o potencial epistemológico de obras literárias; com efeito, é mesmo possível dizer que cada uma das vertentes atuais da teoria, da hermenêutica ou estética da recepção até os queer studies, passando New Historicismo e pós-estruturalismo, projeta um modelo de conhecimento específico a ser obtido a partir de textos ficcionais.

Faz-se também necessário pontuar que este estudo trata-se de um trabalho que utiliza como base o método hipotético-dedutivo discutido em Marconi et al (2017). Complementa-se com a abordagem de análise epistêmica de cunho crítico, fazendo-se o uso da categoria de análise socioespacial em Santos (1978) e da Epistemologia Ambiental de Leff (2002). Esta última trabalha pelo aspecto interdisciplinar das temáticas ambientais. A respeito desse pensamento pós-moderno analítico, importante para o entendimento das problemáticas hídricas, Leff (2012) pontua:

Estes sistemas estão dialeticamente imbricados e possuem autonomias e interdependências simultâneas (...) é necessário desconstruir o conceito de ambiente unicamente como sendo uma categoria biológica, construindo uma nova significação em que o ambiente seja também uma categoria sociológica, relativa a uma racionalidade social, embasada em valores, comportamentos, saberes e novos potenciais produtivos(p. 56).

As teorias de Milton Santos igualmente se fazem aqui presentes, porque elas ajudam a compreender a história da desigualdade espacial brasileira e como essa disparidade estende-se pelo tempo, bem como colabora com a reflexão sobre a problemática que envolve o acesso à água e sua distribuição no mundo, sobretudo no que se refere à drenagem. Afunila-se essas compreensões ao contexto espacial de Recife-PE. Dessa maneira, faz-se necessário dizer o que

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Santos (1979) afirma sobre sua visão de espaço:

O espaço reproduz a totalidade através das transformações determinadas pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades, desempenham funções evolutivas na formação econômica e social, influencia na sua construção e também é influenciado nas demais estruturas de modo que torna um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos. (p. 10).

Vale salientar ainda que é importante para as análises de Santos (1979) entender as transformações e as implicações do espaço através dos tempos. Para isso, esse autor complementa:

Seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico, [...] a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. [...] Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial. (p. 42-43).

É importante atentar para a análise feita por Santos (1999), pois ele busca entender os espaços considerando as suas heterogeneidades, uma vez que propõe a não existência de homogeneidade nessa categoria e nem em suas relações em rede. Por efeito, pode-se entender amplamente de maneira interdisciplinar mente as desigualdades que ocorrem nesse locus, a fim de alcançarem-se soluções mais igualitárias.

Resultados e discussão

A constituição espacial da cidade do Recife, tanto nos aspectos físicos quanto nos de formação histórica e social, deriva intrinsecamente da sua relação com a água. Quanto ao aspecto físico, a cidade constitui-se como uma planície fluviomarinha, apresentando um processo geológico sedimentar que formam alguns morros no seu interior, dando um aspecto de sítio geomorfológico em forma de anfiteatro. Sobre esse espaço físico e sua relação constitutiva com as águas, a Profa. Raquel Caldas Lins (1982) citada em Carvalho (2004), detalha:

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Os outeiros de Olinda e de Guararapes assinalam com efeito as extremidades do anfiteatro de colinas esculpidas nos sedimentos cenozóicos do Grupo Barreiras (os altos entre outros, de Beberibe, Jacaré, Apipucos, Dois Irmãos, Jaboatão, Areia Branca, Guararapes) colinas cujo semi-círculo contém aquilo que J. C. Branner denominou e fez representar [...] ‘como baía entulhada do Recife’, isto é, uma planície aluvial flúvio-marinha, réplica da que se desdobra ao sul do Cabo de Santo Agostinho e abas sucessivamente alargadas, enchidas e drenadas ao sabor de transgressões e regressões marinhas durante o Quaternário. (p. 82).

Quanto ao aspecto histórico e espacial, a cidade tem seus primórdios associados aos da sua relação com portuária, especificamente com a questão física dos arrecifes, dos bancos de arenítico defronte à planície fluviomarinha. Tal extensão, à época das grandes embarcações, dava os contornos para a entrada dos barcos e navios de maior porte, os quais atracavam na vila de pescadores e, posteriormente, no século XVI e XVII, ao que chamariam de cidade. Sobre a importância do banco de arrecifes e sua função para o início da cidade – inclusive Recife recebeu esse nome devido a essa forma geográfica marinha – o estudioso Rubem França (1994), citado por Gomes (2007), contribui:

Ar-resif: dique, calçada. Formações rochas litorâneas [...] O mesmo que Recife. Recife – do arcaísmo *arrecife*; ar. Ar-recif: calçada, caminho, pavimento; parede de apoio; paredão; dique; cais; linha de escolhos, [...] rochedo de faixa litorânea ou melhor, nos terraços sub-marino, de origem arenítica ou coralínea, é barreira, muralha, quebra-mar. (França, 1994, p. XX, apud Gomes, 2007, p. XX).

A paisagem do arrecife e sua influência na construção da cidade também é citada pelo Pastor Baers, pároco e um dos grandes correspondentes do Recife Colonial do século XVI. O pastor descreve o início da cidade como um grande banco de areia ao sul de Olinda, com armazéns enfileirados e pequenos sobrados na ponta do local (Cavalcanti, 1977).

Além desses relatos dos primeiros estudiosos, a Recife marinha também é bastante perene em acervos iconográficos e literários, com destaque para alguns poemas escritos por Bento Teixeira, quem descreve a íntima relação do início da cidade com seu mar, assemelhando muito a relação epopeica de Lisboa com seu mar nos escritos de Camões:

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Descrição do Recife Bento Teixeira, século XVI

Para a parte do sul, onde a Pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
onde o céu luminoso mais serena
tem sua influência, e temperada;
Junto da Nova Lusitânia ordena
A natureza, mãe bem atentada,
Um porto tão quieto e tão seguro,
Que para as curvas naus serve de muro.
É este porto tal, por estar posta
Uma cinta de pedra, inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa,

Em o meio desta obra alpestre e dura,
Uma boca rompeu o mar inchado,
Que, na língua dos bárbaros escura,
Pernambuco de todos é chamado.
De para'na, que é mar; puca, rotura,
Feita com fúria desse mar salgado,
Que, sem no derivar cometer míngua,
Cova do mar se chama em nossa língua.

Pela entrada da barra, à parte esquerda,
Está uma lajem grande e espaçosa,
Sendo os Deuses à lajem já chegados,
Estando o vento em calma, o mar quieto,
Depois de estarem todos sossegados,
Por mandado do Rei e por decreto,
Proteu¹⁶³, no céu c'os olhos enlevados,
Como que investigava alto secreto,
Com voz bem entoada e bom meneio,
Ao profundo silêncio larga o freio.

Que de piratas fora total perda,

Se uma torre tivera suntuosa.
Mas quem por seus serviços bons não herda,
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condição do Rei que não é franco

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

O vassalo faz ser nas obras manco.

Além da forte relação constitutiva da cidade com sua água de origem marinha, o aspecto fluvial também é um ponto importante a ser destacado. A partir do século XVII, junto à presença dos holandeses na cidade do Recife, a ocupação dos rios passa a ser importante à expansão econômica açucareira, contribuindo para a paulatina interiorização da cidade. Isso também fez com que, nas margens dos rios e em seus interiores, fossem formados os primeiros bairros, para além das ilhas já existentes. Nesse cenário de transformação, destaca-se o desenvolvimento dos bairros: Graças, Madalena, Casa Forte, Poço da Panela e Apipucos, todos surgidos ao longo do século XVII e do próximo século, ocupadas devido à próxima localização ao porto (Cavalcanti, 1978).

No período em questão, para a solidificação dessas áreas que se configuraram enquanto grandes sítios alagados, foram necessárias obras imensas de drenagem. Estas iniciam-se com os neerlandeses, no século XVI, especialistas na área devido à realização de obras semelhantes em seu país. Desse momento, destaca-se a construção das primeira pontes que ligavam as ilhas da cidade, como a Ilha do Recife, a Ilha de Antônio Vaz e a Ilha Maurícia: ponte Maurício de Nassau, ponte de Boa Vista, e a Ponte Giratórias; todas reformadas na atualidade, utilizando-se outros materiais. Infelizmente, essa mudança ocorreu sem a mesma função conferida no passado, sendo apenas observadas na paisagem atual como símbolos de rugosidades espaciais (Santos, 1999).

Como marca da presença flamenca no Recife, além da questão hidráulica e de consolidação do espaço fluvial marinho, em termos de ocupação, têm-se: os jardins na antiga Ilha Maurícia, hoje jardim do atual Palácio do Governo; o observatório astronômico, hoje observatório Torre Malakoff. A contribuição judaica estimulada no período também é algo que ainda pode ser conferido na preservação da Rua do Bom Jesus e da Sinagoga Kahal Zur Israel, a primeira das Américas; preserva-se a faixa do templo, original do período holandês, datada de 1635, restaurada algumas vezes e retomada enquanto museu desde dos anos 2000 (Gesteira, 2004).

Fica também, além dessas contribuições espaciais e intelectuais, todo o arquivo iconográfico da história da evolução da paisagem natural do Recife, com destaque aos trabalhos

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

de Frans Post e Albert Eckout (figura 1), especialmente o desenho morfológico da cidade em mapa conferido nas figuras 2. Esses quadros denotam a evolução da cidade pelas pontes, pelos aterros e pelas modernas estruturas na época dos palacetes, arcos e fortes (Gesteira, 2004).

Figura 1 : Visão da Cidade Maurícia, início do Brasil Holandês



Fonte: Frans Post: Recife, Brazil (1657), Private Collection.

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Figura 2: Cartografia Holandesa por Gollithat, em 1648



Fonte: A cartografia Holandesa no Recife (Mello, 1976).

Com a expulsão dos holandeses, o foco no desenvolvimento da cidade do Recife enquanto ente urbano e moderno passa a ser prioridade também dos colonizadores portugueses, os quais fizeram com que os rios passassem a ter permanência e importância definitiva no desenvolvimento espacial da cidade. Embora essa permanência tenha dado valor literário, iconográfico e audiovisual ao Rio Capibaribe, é primaz enfatizar que, dentro dessa planície, convivem 5 bacias hidrográficas sendo elas: a Capibaribe, Tejipló, Jaboatão, Pirapama e Beberibe (quadro 1).

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Quadro 1: Descrição das 5 bacias hidrográficas que cortam a planície onde se encontra o Recife

Capibaribe	Sua etimologia deriva do tupi, significando “rio das capivaras”, é o rio que nasce na Serra do Jaraguá, a 1000m de altitude no município de Poção, no Agreste pernambucano e percorre 240 km, passando por 44 municípios. Destes, destacam-se duas cidades com grande importância econômica para PE: Vitória de Santo Antão, potência agrícola industrial e hoje polo de comércio entre o Agreste e a Zona da Mata; e Recife, a capital do estado, onde o Capibaribe encontra sua foz (GOMES, 2007).
Tejipió	Sua etimologia deriva do tupi, “rio de tejus”. Tem sua nascente em São Lourenço da Mata e estende-se por 20 km. É um rio que apresenta 80% do seu curso principal dentro dos bairros da cidade de Jaboatão; além disso, parte das zonas Sul e Oeste do Recife, chegando ao bairro de Afogados e desembocando no Capibaribe (SILVA, 2019).
Jaboatão	Com 75 km, tem origem interiorana, em Vitória de Santo Antão, e corta os municípios metropolitanos do Cabo de Santo Agostinho, Moreno, São Lourenço da Mata e, por fim, deságua no Capibaribe, na cidade do Recife. Por passar por essa gama de municípios que apresentam problemas com esgotamento, é um rio com graves problemas derivados de dejetos industriais e de esgotos domésticos – assim como o Capibaribe atualmente (GOMES, 2007).
Pirapama	Nasce em Pombos, possui 80 km de extensão, estando 77% deste curso dentro dos bairros do Cabo de Santo Agostinho. No seu fim, encontram-se no rio Jaboatão e, juntos, desaguam no Oceano Atlântico (CPRH, 2022).
Beberibe	Sua etimologia também deriva do tupi, “rio da arraia”. Possui 19 km de extensão; sua nascente está na cidade de Camaragibe e perpassa todo município de Olinda, desaguando junto ao Capibaribe.

Fonte: Compilação autoral.

Sobre a importância dessas bacias, o médico e geógrafo Josué de Castro endossa a importância dessa água fluvial para a cidade em uma de suas obras, com grande destaque à geografia da cidade do Recife, *Fatores de localização da cidade do Recife: um ensaio de Geografia Urbana*, em 1948. Esse autor reflete: “Heródoto dizia que o Egito era um dom do Nilo. Tudo lá era fruto das águas: terras, economia e religião. Também o Recife [...] é um dom dos seus rios” (Castro, 1948, p. XX).

Da necessidade advinda dos Holandeses (a de colocar os rios como ponto ambiental fundamental para o desenvolvimento e convívio da cidade), o aspecto de drenagem entra em definitivo na preocupação cartográfica e no investimento político existente. Isso, então, já sendo o enfoque nas primeiras grandes reestruturações urbanísticas do final do século XIX e início do século XX, como criação das barragens em Pirapama e Tapacurá, após as cheias dos anos

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



1970, especificamente 1975 e 1976 (figura 3). Com os mapas mais recentes da disposição completa das bacias, o enfoque recaiu sobre o tratamento da poluição causada pelos dejetos urbanos, conforme pode ser visto na figura 4.

Figura 3: Mapa Base de Douglas Foz, 1876



Fonte: Silva (1996).

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Figura 4: Conjunto de Mapa que mostra o nível de poluição nas principais bacias da RMR

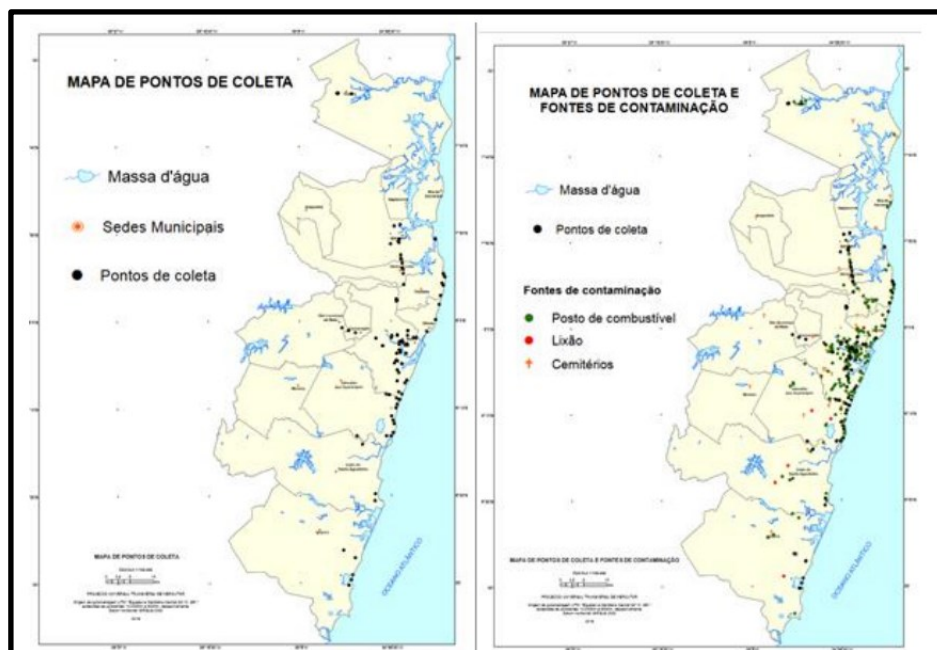


Figura 2 – Pontos de coleta de amostras de água na região metropolitana do Recife.

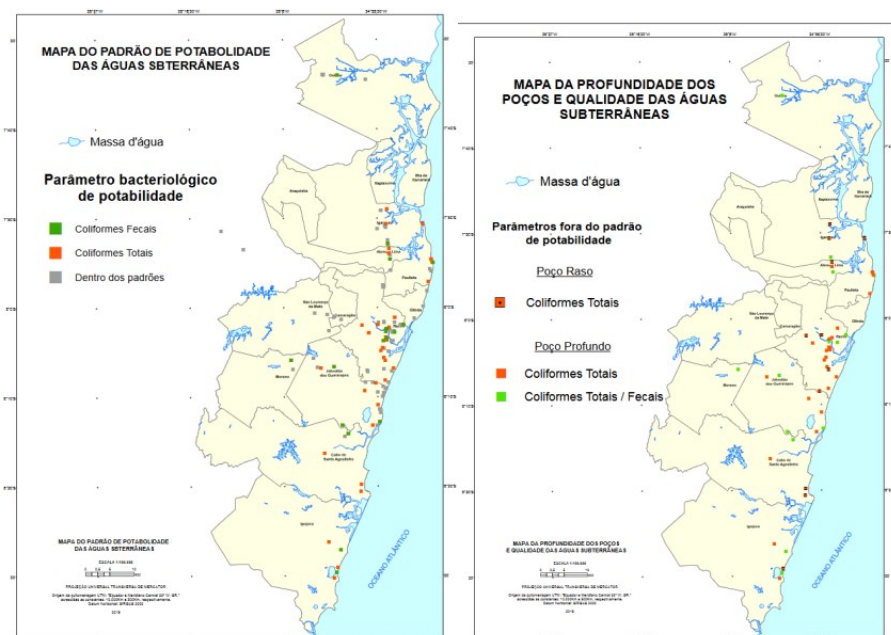


Figura 3 – Parâmetros bacteriológicos de potabilidade da água.

Figura 4 – Parâmetros bacteriológicos fora do padrão de potabilidade para poços rasos e profundos.

Fonte: Mapa feito por Costa *et al.* para o XXIII Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos, 2019.

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Os mapas mudaram e sua aceção acerca da importância do rio também, passaram do enfoque da descoberta paisagística para as pesquisas dos aspectos atuais, da ordem ambiental da poluição etc. Em termos literários e iconográficos, a questão dos rios também se modificou, especialmente do Capibaribe, rio que apresenta maior número de estudos e de documentações artísticas conhecidas. Nesse ínterim, o Capibaribe era inicialmente concebido como o rio dos banhos e da infância, dos momentos de lazer, até mesmo familiar. O rio do *alumbramento*, como é mostrado no *Evocação do Recife*, de Manuel Bandeira, escrito em 1925, passa também a ser um rio que conta a história das desigualdades sociais. Dentro da cidade, nos anos 1950, João Cabral de Melo Neto transfigura o Capibaribe a ser o rio da poluição; da pobreza passa a ser no cordel de Roberto Celestino, escrito em 2012, quase um século após o de Manuel Bandeira. A seguir, dispõe-se trechos das obras citadas, respectivamente.

Evocação do Recife

Manuel Bandeira, 1930

[...]

— Capibaribe

Lá longe o sertãozinho de Caxangá

Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho

Fiquei parado o coração batendo

Ela se riu

Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho
sumiu

E nos pegões da ponte do trem de ferro

os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras

Novenas

Cavalcadas

E eu me deitei no colo da menina e ela começou
a passar a mão nos meus cabelos

[...]

Cão sem plumas

João Cabral de Melo Neto, 1950

A cidade é passada pelo rio

como uma rua

é passada por um cachorro;

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

uma fruta
 por uma espada.
 O rio ora lembrava
 a língua mansa de um cão
 ora o ventre triste de um cão,
 ora o outro rio
 de aquoso pano sujo
 dos olhos de um cão.
 Aquele rio
 era como um cão sem plumas.
 Nada sabia da chuva azul,
 da fonte cor-de-rosa,
 da água do copo de água,
 da água de cântaro,
 dos peixes de água,
 da brisa na água.
 Sabia dos caranguejos
 de lodo e ferrugem.
 Sabia da lama
 como de uma mucosa.
 Devia saber dos povos.
 Sabia seguramente
 da mulher febril que habita as ostras.
 Aquele rio
 jamais se abre aos peixes,
 ao brilho,
 à inquietação de faca
 que há nos peixes.
 Jamais se abre em peixes.

Cordel o Rio Capibaribe um Gigante Pernambucano
 Roberto Celestino, 2012

[...]

Se aproxima de Recife
 Mas irá ainda amargar,
 Os esgotos das cidades
 Pelas quais irá passar
 Também restos de usinas
 Diante desta triste sina
 Bem salobro vai ficar.

E por fim chega em Recife
 E começam lhes saudar,
 Com sacolas e garrafas

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Fogão velho e sofá.
E no rio quase morto
Inda se observa corpo
De algum morto a boiar.

Atravessa a cidade
Ansioso em ver o mar,
Depois de tantos maus tratos
Só deseja descansar.
Foto pro cartão postal
Dá adeus à capital
Corre ao mar pra se jogar.

E por fim o oceano
Que está a lhe aguardar,
Abre os braços para o rio
Que acaba de chegar
Enfim vê realizado
O encontro esperado
Entre o rio e o mar.

Para o Rio Capibaribe
Se dê-se mais dedicação,
Dispensado mais cuidado
Merecida atenção.
Que se dê o seu valor
Que se lute com fervor,
Por sua preservação.

Que tomemos o exemplo
Que o índio sempre deu,
Sempre usufruiu do rio
Mas tão bem o defendeu
Tirou dele seu sustento
E como agradecimento
Do rio nunca esqueceu.

Defendamos esta causa
Vamos salvar nosso rio,
Gigante pernambucano
Vencedor de desafios.
Lutemos enquanto é tempo
Antes de chegar o momento.
Que digamos ser tardio.

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

É o Rio Capibaribe
Parte Da nossa história
Corre todo em Pernambuco
Sua longa trajetória
Preservemos nosso rio
Pra que seja tão sadio
Não apenas na memória.

Entende-se, assim, que a importância dos grandes afluentes faz-se tão essencial para a compreensão de uma cidade quanto o próprio estudo da sua história e das suas personalidades. Nesse contexto, Recife é uma cidade composta por cinco grandes bacias, estas que a constituíram morfológicamente, humanamente, intelectualmente e culturalmente. Essa cidade não pode viver em desarmonia com suas águas, especialmente por elas lhe nutrirem de todas as formas, para além de abastecimento: as águas são manutenção, inspiração e fator constante de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises apresentadas, pode-se concluir que em Recife e suas águas : Uma história socioespacial e ambiental através de iconografias e poesias há uma análise de base histórico-ambiental do elemento água e como esta é um fator determinante no entendimento sobre a formação do Recife enquanto cidade.

Destaca-se assim, a relação da morfologia espacial da cidade com o desenho de suas principais bacias hidrográficas, principalmente a bacia do Beberibe e Capibaribe, as quais, inclusive, fazem parte do imaginário dos recifenses, por meio de músicas, literaturas, pinturas, mapas etc. Nesse referido capítulo, além de pesquisas bibliográficas no campo da história, geografia e outras ciências humanas, foi usado a rica base iconográfica existente sobre e na própria cidade do Recife, com seus inúmeros artistas e intelectuais, das mais diversas áreas, os quais ilustraram a relação da cidade com suas águas. Dessa maneira, entende-se o porquê de se questionar a estranha relação atual com as águas, já que a cidade tem relação simbiótica com ela. Para investigar essas nuances, são necessárias mais ferramentas.

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. Revista Rural e Urbano, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Referências

BRASÍLIA (Distrito Federal). Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. **Relatório sobre o desenvolvimento da água no mundo**, Brasília, 2003.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1930.

CARVALHO, L. E. P. **Descaminhos das Águas na Metrópole**: a sócio natureza dos rios urbanos. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

CASTRO, J. **Fatores de localização do Recife**: ensaio de uma geografia urbana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.

CAVALCANTI, B. S.; MARQUES, G. R. G. Recursos hídricos e gestão de conflitos na bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul a partir da crise hídrica de 2014-2015. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, Lisboa, v. 15, n. 1, mar. 2016.

CAVALCANTI, V. B. O Recife e a origem dos seus bairros centrais. *In: Um tempo do Recife*. Revista Universitária, Recife, 1978. p. 221-252.

CAVALCANTI, V. B. **Recife do corpo santo**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1977.

DURÃO, F. A. Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários. **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 31, p. 377-390, 2015. Especial.

EBRAHIM, R. Barragens da Região Metropolitana do Recife estão à beira do colapso. **Revista Marco Zero**. Recife, 21 de jan. 2021. Disponível em: <<https://marcozero.org/barragens-da-regiao-metropolitana-do-recife-estao-a-beira-do-colapso/>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

GESTEIRA, H. M. O Recife holandês: história natural e colonização neerlandesa (1624-

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. *Revista Rural e Urbano*, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

1654). **Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 6-21, jan./jun. 2004.

GOMES, E. T. A. **Recortes de Paisagens na Cidade do Recife: uma abordagem geográfica**. Recife: Massangana, 2007.

LEFF, E. **Aventuras da Epistemologia Ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MELO NETO, João Cabral. **O cão sem plumas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1950.

QUEIRÓZ, M. I. P. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LANG, A.B.S.G., (Org.). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, (Coleção Textos; 2a série, n. 3), p. 13-29, 1992.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo; razão e emoção. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

VALLE GASTAMINZA, F. **El análisis documental de la fotografía**. Universidad Complutense de Madrid. 1999. Disponível em: . Acesso em: 10 janeiro 2023.

MEDEIROS, M. ; SUASSUNA, C. Recife e suas águas: uma história socioespacial e ambiental contada pelas iconografias e poesias. *Revista Rural e Urbano*, v.9 , n. 1, 2024. p. 238-257

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>